

GT13: Antropologia Digital: processos, dinâmicas, usos, contra-usos e contenciosos em redes sociotécnicas

Patrícia Pavesi, Carolina Parreiras

A Internet permeia hoje praticamente todas as áreas da vida social, propiciando novos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação. Esses processos trazem mudanças nas preocupações e objetos de estudo da Antropologia em função da emergência de diferentes configurações de experiências e subjetividades, que passam a ser moduladas (e modulam) por tecnologias digitais. Os temas são ampliados e o ente tecnológico, bem como as relações que o permeiam, é utilizado para tentar compreender fenômenos mais amplos da cultura. As abordagens etnográficas têm se mostrado valiosas para dar conta de processos, dinâmicas, usos, hibridismos, agenciamentos e contenciosos em torno das redes sociotécnicas. O GT pretende contribuir para o aprofundamento do debate iniciado em outras oportunidades em torno das abordagens sociotécnicas envolvendo a Internet e suas implicações para a pesquisa etnográfica, acolhendo trabalhos cujas abordagens problematizem (mas não necessariamente estejam restritas a): articulações digitais entre público/privado/intimidade; processos de subjetivação que valorizem agências e modos de "presença" e inscrição online; dilemas éticos; usos das tecnologias digitais em contextos específicos de desigualdade e diferenciação e em torno de discursos e práticas políticas; recursos digitais que alargam os entendimentos sobre os significados da etnografia e a própria etnografia como produto.

Além do sexo: Uma etnografia digital sobre camgirls brasileiras construindo laços afetivos na internet durante a pandemia.

Autoria: Núbia Sena dos Santos Ramalho

O presente trabalho é parte do desenvolvimento da pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas e busca compreender, por meio da abordagem etnográfica, como a inserção no trabalho sexual online atravessa o cotidiano e as perspectivas de vida, afetividade e sociabilidade de mulheres brasileiras que exercem o trabalho de camgirl, sobretudo no cenário da pandemia, quando a internet ganhou ainda mais relevância para a socialização dos sujeitos quarentenados. Uma sociedade onde quase qualquer pessoa munida de um smartphone tem uma produtora de vídeo na palma da mão, ou seja, é uma criadora de conteúdo digital em potencial, gera as condições para a busca de outras possibilidades de promover seu sustento material de forma autônoma, dentro do próprio ambiente doméstico, de modo a manter o chamado "isolamento social" exigido durante o auge da pandemia; entre as quais se tornar uma camgirl, como são chamadas as profissionais do camming, atividade que consiste em exibicionismo online, de teor erótico ou não, através de uma webcam. Partindo dessa perspectiva, tal investigação pretende privilegiar as percepções e noções, das mulheres trabalhadoras do camming, refletindo sobre questões relacionadas ao trabalho sexual online num quadro pandêmico e pós pandêmico. Essa etnografia digital articulará as representações sociais e os discursos sobre as camgirls com os dados etnográficos levantados através das interações sociais com profissionais do trabalho sexual online mediadas pela internet. Nesse contexto etnográfico, o uso das redes sociais é constante e fundamental para construção da pesquisa, que utilizará um referencial teórico que tem como base as linhas teóricas que compõem o arcabouço sobre etnografia digital.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

